

AS PROVAÇÕES DE
APOLO

RICK RIORDAN

AS PROVAÇÕES DE
APOLO

LIVRO QUATRO
A TUMBA DO TIRANO

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI E GIU ALONSO



Copyright © 2019 by Rick Riordan
Publicado mediante acordo com Gallt & Zacker Literary Agency LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Tyrant's Tomb

PREPARAÇÃO
Carolina Vaz
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Rayana Faria

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA
Joann Hill

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2019 John Rocco

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452t

Riordan, Rick, 1964-
A tumba do tirano / Rick Riordan ; tradução de Regiane Winarski, Giu
Alonso. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
368 p. ; 23 cm. (As provações de Apolo ; 4)

Tradução de: The tyrant's tomb
Sequência de: O labirinto de fogo
ISBN 978-85-510-0534-7
1. Ficção infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane. II. Alonso, Giu.
III. Título. IV. Série.

19-59441

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400

*Em memória de Diane Martinez,
que mudou muitas vidas para melhor*

A profecia das sombras

*Palavras forjadas da memória ardem
Antes da nova lua no Monte do Diabo
Um terrível desafio para o lorde jovem
Até o Tibre se encher de corpos empilhados.*

*Para o sul o Sol segue caminho,
Por labirintos obscuros e terras fatais arrasadas
Até achar o dono do cavalo branquinho
E arrancar os ditos do falante de palavras cruzadas.*

*Ao palácio ocidental Lester tem que viajar,
A filha de Deméter encontra raízes antigas.
Só o guia com patas sabe como chegar
Percorrendo o caminho com as botas inimigas.*

*Ao conhecer os três e ao Tibre vivo chegar,
Só então Apolo começa a dançar.*



1

Acabou a comida aqui

Meg comeu a jujuba toda

Por favor, caia fora do meu rabeção

EU SOU A FAVOR de devolver corpos.

Parece um gesto básico de cortesia, não? Quando um guerreiro morre, temos que fazer o possível para levar o corpo dele de volta para seu povo, para que providencie os ritos funerários. Talvez eu seja antiquado (afinal, tenho mais de 4 mil anos), mas acho grosseria não dar um fim adequado aos defuntos.

Aquiles durante a Guerra de Troia, por exemplo. Um panaca. Passou dias arrastando o corpo de Heitor, maior guerreiro troiano, em sua carruagem, ao redor dos muros da cidade. Até que eu consegui convencer Zeus a forçar o valentão a devolver o corpo aos pais para que o coitado tivesse um enterro decente. *Por favor*, né. Um pouco de respeito por quem acabamos de matar não faz mal a ninguém.

Teve também o cadáver de Oliver Cromwell. Não que eu fosse muito fã do cara, mas tenha dó. Primeiro, os ingleses o enterram com honras. Depois, resolvem odiar o homem, tiram o corpo da cova e o “executam”. A cabeça dele cai do espeto onde ficou empalada por décadas e é passada de colecionador em colecionador por quase três séculos como um daqueles globos de neve que as pessoas dão de lembrancinha, só que nojento. Finalmente, em 1960, eu sussurrei no ouvido de umas pessoas influentes: *Já chega. Sou o deus Apolo e ordeno que enterrem essa coisa. Vocês estão me enojando.*

Quando chegou a vez de Jason Grace, meu falecido amigo e meio-irmão, eu não ia dar chance ao azar. Acompanharia pessoalmente o caixão até o Acampamento Júpiter e prestaria todas as homenagens.

Acabou sendo uma boa decisão. Considerando que os ghouls nos atacaram e tudo mais.

A Baía de São Francisco no pôr do sol parecia um caldeirão de cobre derretido quando nosso avião particular pousou no aeroporto de Oakland. Digo *nosso* avião particular porque a viagem fretada foi um presente de despedida da nossa amiga Piper McLean e seu pai astro de cinema. (Todo mundo deveria ter pelo menos um amigo com um astro de cinema na família.)

Esperando na pista havia outra surpresa que os McLean devem ter providenciado para nós: um rabeção preto novinho em folha.

Meg McCaffrey e eu esticamos um pouco as pernas do lado de fora enquanto a equipe no solo, muito séria, retirava o caixão de Jason do bagageiro do avião. A caixa de mogno polido resplandecia à luz do fim de tarde. Os apetrechos de metal cintilavam em vermelho. Odiei a beleza daquilo. A morte não deveria ser bonita.

A equipe o colocou no rabeção e guardou nossa bagagem no banco de trás. Não tínhamos muita coisa: a mochila da Meg e a minha, meu arco, minha aljava e o ukulele, alguns cadernos de desenho e um diorama que herdamos de Jason.

Assinei uns papéis, aceitei as condolências da tripulação e apertei a mão de um agente funerário simpático, que depois de me dar a chave do rabeção foi embora.

Fiquei olhando para a chave e depois para Meg McCaffrey, que arrancava com o dente a cabeça de uma jujuba em forma de peixe. O avião tinha um estoque de seis latas daquela bala molenga. Que foi detonado. Meg, sozinha, destruiu o ecossistema de jujubas de peixe.

— Vou ter que dirigir? — questionei. — Esse rabeção é alugado? Acho muito difícil que minha habilitação júnior de Nova York cubra isso.

Meg deu de ombros. Durante nosso voo, ela havia insistido em se esparramar no sofá do avião, e seu cabelo preto e curtinho acabou todo amassado dos lados. A ponta dos óculos de gatinha com pedrinhas brilhantes saía do cabelo como uma barbatana de tubarão da era disco.

O resto do figurino estava igualmente vergonhoso: tênis largo de cano alto vermelho, uma legging amarela puída e o tão amado vestido verde na altura dos joelhos que ela havia ganhado da mãe de Percy Jackson. Com *tão amado* quero dizer que o vestido que passou por tantas batalhas foi lavado e remendado tantas vezes que estava mais para um balão de ar murcho do que para uma peça de roupa. Na cintura de Meg estava a *pièce de résistance*: o cinto de jardinagem cheio de bolsos, porque os filhos de Deméter nunca saem de casa sem isso.

— Não tenho habilitação — disse ela, como se alguém precisasse me lembrar que minha vida, no momento, estava sendo controlada por uma garota de doze anos. — Eu vou na frente!

Disputar o banco da frente de um rabecão não era nada apropriado. Mesmo assim, Meg saltitou até lá e entrou no carro. Eu me sentei ao volante. Logo estávamos saindo do aeroporto e seguindo para o norte pela I-880 em nosso lutomóvel preto alugado.

Ah, a Bay Area... eu tinha passado bons momentos ali. A bacia geográfica deformada e ampla era repleta de pessoas e lugares interessantes. Eu amava as colinas verdes e douradas, a costa coberta de neblina, a malha brilhante de pontes e o zigue-zague doido dos bairros grudados uns nos outros feito passageiros do metrô na hora do rush.

Nos anos 1950, toquei com Dizzy Gillespie no Bop City, na Fillmore. Durante o Verão do Amor, organizei uma apresentação de jazz no parque Golden Gate com o Grateful Dead. (Que caras adoráveis, mas precisavam mesmo fazer aqueles solos de quinze minutos?) Nos anos 1980, andei pra cima e pra baixo por Oakland com Stan Burrell, também conhecido como MC Hammer, enquanto ele inventava o rap pop. Não posso pedir crédito pelas músicas do Stan, mas dei, sim, alguns palpites no aspecto visual. Sabe aquelas calças largas douradas? Ideia minha. De nada, fashionistas.

A maior parte da Bay Area trazia boas lembranças. Mas, enquanto dirigia, não pude deixar de olhar para noroeste... na direção do condado Marin e do pico escuro do monte Tamalpais. Nós, deuses, conhecíamos o lugar como monte Otris, lar dos Titãs. Apesar de nossos antigos inimigos terem sido vencidos, e seus palácios, destruídos, eu ainda sentia a energia maligna do local, como um ímã tentando extrair o ferro do meu sangue agora mortal.

Fiz o que pude para afastar a sensação. Tínhamos outros problemas para resolver. Além do mais, estávamos indo para o Acampamento Júpiter, território amigável daquele lado da baía. Eu tinha Meg para me apoiar, dirigia um rabeção. O que poderia dar errado?

A rodovia Nimitz serpenteava pelas planícies da East Bay, passando por armazéns e docas, shoppings a céu aberto e fileiras de bangalôs caindo aos pedaços. À nossa direita estava o centro de Oakland, o pequeno aglomerado de arranha-céus contrastando com São Francisco, a vizinha descolada do outro lado da baía, como se proclamasse *Olhe para a gente! Também existimos!*.

Meg se recostou no banco, apoiou os tênis vermelhos no painel e abriu a janela.

— Gostei daqui — concluiu ela.

— Acabamos de chegar. Do que você gostou exatamente? Dos armazéns abandonados? Da placa do Bo's Frango e Waffles?

— Da natureza.

— Concreto conta como natureza?

— Tem árvores também. Plantas florescendo. Umidade no ar. Os eucaliptos têm um cheiro tão bom. Não é como...

Ela não precisou terminar a frase. Nossa estadia no sul da Califórnia foi marcada por temperaturas ardentes, seca extrema e incêndios florestais incontroláveis, tudo graças ao mágico Labirinto de Fogo controlado por Calígula e sua melhor amiga feiticeira cheia de ódio, Medeia. A Bay Area não estava passando por nenhum daqueles problemas. Ao menos não por enquanto.

Nós matamos Medeia. Extinguimos o Labirinto de Fogo. Libertamos a Sibila Eritreia e proporcionamos alívio para os mortais e para os espíritos fulminantes da natureza no sul da Califórnia.

Mas Calígula ainda estava vivo. Ele e os outros imperadores do Triunvirato continuavam determinados a controlar todas as formas de profecia, dominar o mundo e escrever o futuro à sua imagem sádica. Naquele exato momento, a frota de iates de luxo do mal pertencente a Calígula seguia em direção a São Francisco para atacar o Acampamento Júpiter. Eu mal podia imaginar que tipo de destruição infernal o imperador jogaria em Oakland e no Bo's Frango e Waffles.

Mesmo que conseguíssemos derrotar o Triunvirato, ainda teríamos que lidar com minha antiga inimiga Píton, que no momento controlava o mais importante dos oráculos, o de Delfos. Como derrotá-la na minha atual condição, um fracote de dezesseis anos, eu não tinha a menor ideia.

Mas, ei. Fora isso, estava tudo bem. Os eucaliptos tinham um cheiro bom.

O tráfego ficou lento na junção com a I-580. Pelo visto, os motoristas da Califórnia não costumavam dar passagem a rabeções por questão de respeito. Talvez tivessem concluído que, com pelo menos um dos passageiros a bordo já morto, não estávamos com pressa.

Meg ficou brincando com o controle da janela, subindo e descendo o vidro.
Reeee. Reeee. Reeee.

— Você sabe chegar no Acampamento Júpiter? — perguntou ela.

— Claro.

— É que você disse a mesma coisa sobre o Acampamento Meio-Sangue.

— A gente chegou lá! Em algum momento.

— Congelados e meio mortos.

— Olha, a entrada do acampamento fica bem ali. — Fiz um gesto vago na direção de Oakland Hills. — Tem uma passagem secreta no túnel Caldecott, se não me engano.

— Se não se engana?

— Bom, eu nunca fui *dirigindo* para o Acampamento Júpiter — admiti. — Normalmente, desço dos céus na minha gloriosa carruagem do Sol. Mas sei que o túnel Caldecott é a entrada principal. Deve ter uma placa. Talvez uma faixa dizendo *apenas para semideuses*.

Meg me espiou por cima dos óculos.

— Você é o deus mais burro do mundo.

Ela subiu a janela com o *reeee SHLUMP!* final, um som que me trouxe a incômoda lembrança de uma lâmina de guilhotina.

Viramos na rodovia 24. O congestionamento diminuiu próximo das colinas. As pistas elevadas passavam por bairros de ruas sinuosas com coníferas altas e casas brancas de estuque nas encostas de ravinas gramadas.

Uma placa prometeu que a entrada do túnel Caldecott chegaria em 3 km. Isso deveria ter me servido de consolo. Logo nós passaríamos pelas fronteiras do

Acampamento Júpiter e entraríamos num vale magicamente camuflado e extremamente seguro onde eu contaria com toda uma legião romana para me proteger das minhas preocupações, ao menos por um tempo.

Então por que os pelos da minha nuca se eriçavam feito um porco-espinho?

Alguma coisa estava errada. Acabei me dando conta de que a inquietação que eu estava sentindo desde que havíamos pousado talvez não fosse causada pela ameaça distante do Calígula, nem pela antiga base Titã no monte Tamalpais, mas algo mais imediato... algo malévolo, vindo em nossa direção.

Olhei pelo retrovisor. Pela cortina transparente da janela de trás só vi o tráfego. Mas então, na superfície polida da tampa do caixão do Jason, vislumbrei o reflexo de um vulto se movendo lá fora... como se um objeto do tamanho de um humano tivesse passado voando pelo rabeção.

— Ei, Meg. — Tentei manter o tom de voz normal. — Está vendo alguma coisa diferente atrás da gente?

— Diferente como?

TUM.

O rabeção sacudiu como se tivéssemos sido acoplados a um trailer cheio de sucatas de metal. No teto acolchoado acima da minha cabeça, surgiram duas pegadas.

— Alguma coisa pousou aqui em cima — deduziu Meg.

— Obrigado, Sherlock McCaffrey! Dá para você tirar?

— Tirar? Como?

Era uma pergunta irritantemente plausível. Meg conseguia transformar os anéis dos seus dedos do meio em duas terríveis espadas douradas, mas se as conjurasse em um ambiente fechado, como o interior do rabeção, ela a) não teria espaço para mover as espadas e b) poderia acabar empalando a mim ou a si mesma.

CREC. CREC. As pegadas ficaram mais profundas quando a coisa se equilibrou como um surfista numa prancha. Só algo muito pesado afundaria naquele teto de metal.

Um choramingo borbulhou na minha garganta. Minhas mãos tremeram no volante. Desejei pegar meu arco e minha aljava no banco de trás, mas não teria como usá-los. Não se deve mesmo dirigir usando armas impulsoras, crianças.

— Talvez dê para você abrir a janela — falei para Meg. — Se debruçar para fora e mandar essa coisa embora.

— Hum, não. — (Deuses, como ela era teimosa.) — E se você tentar sacudir o carro até a coisa cair?

Antes que eu pudesse explicar que aquela era uma péssima ideia para se botar em prática estando a oitenta quilômetros por hora numa rodovia, ouvi o som de uma lata de alumínio sendo aberta... o assobio seco e pneumático de ar escapando pelo metal. Uma garra perfurou o teto, uma unha branca suja do tamanho de uma broca. Depois outra. E outra. E mais outra, até o forro estar pontilhado por dez espetos brancos; o número exato de duas mãos grandes.

— Meg? — choraminguei. — Será que você pode...?

Não sei como eu poderia ter terminado essa frase. *Me proteger? Matar essa coisa? Dar uma olhada lá atrás para ver se tem uma cueca limpa?*

Fui grosseiramente interrompido pela criatura abrindo nosso teto como se fosse a embalagem de um presente de aniversário.

Olhando para mim pelo buraco arrancado havia um ghoul humanoide fulminante, a carapaça preta-azulada brilhando como a de uma mosca, os olhos de órbitas brancas leitosas, dentes com saliva pingando. Na cintura usava uma tanga de penas pretas enebadas. O cheiro da criatura era mais pútrido do que qualquer lixeira... e sei do que estou falando, pois já caí em algumas.

— COMIDA! — berrou a coisa.

— Mata isso! — gritei para Meg.

— Desvia! — respondeu ela.

Uma das muitas coisas irritantes de estar encarcerado no meu decrépito corpo mortal: eu era servo de Meg McCaffrey. Estava fadado a obedecer a suas ordens diretas. Então, quando ela gritou “Desvia!”, girei o volante com força para a direita. O rabecão respondeu prontamente. Cortou três pistas de tráfego, atravessou a grade na lateral da estrada e despencou no cânion.